

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ANCORADA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

LIBERTADORA: articulações possíveis

Jacklinne Matta Corrêa
Mesaque Silva Correia
Edmar Souza das Neves
Lucilene de Sousa Melo

RESUMO:

Muito se discute sobre a importância da Educação Libertadora para a emancipação dos sujeitos, por levá-los a pensar coletivamente sobre sua presença no mundo e como isso pode ser elemento de transformação social. Assim, torna-se desafiador e necessário pensar a prática da Educação Física Escolar ancorada nos pressupostos filosóficos da Educação Libertadora, uma vez que esta área esteve historicamente vinculada ao autoritarismo e à dominação do ensino. Portanto, discutimos a possibilidade de desenvolvimento da Educação Física ancorada na perspectiva da Educação Libertadora capaz de humanizar os sujeitos por meio do processo educativo, prática utópica, mas possível de realização e necessária.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar. Educação Libertadora. Prática Educativa.

INTRODUÇÃO

Ao problematizar algumas questões sobre o desenvolvimento de uma Educação Física na perspectiva da Educação Libertadora, temos a limpidez de que a escola é um dos inúmeros lugares onde a Educação Libertadora pode acontecer. E como um dos lugares, há de se considerar que a escola pública pode se constituir em um importante espaço para ressignificação das relações sociais, de aprendizagens, de resgates da cidadania e de vivência do respeito à diversidade.

Dessa forma, diante dos processos de exclusão social e de produção das desigualdades que frequentemente ocorrem em decorrência da crise no mundo do trabalho e da reestruturação produtiva do capital que se refletem nas relações humanas, provocando quase sempre a fragmentação das relações sociais, torna-se necessário que as diversas disciplinas que compõem a matriz curricular escolar se encorajem para desenvolver uma leitura crítica reflexiva da realidade na qual estão inseridas. Esta leitura, diante da complexidade do ato educativo, se torna condição *sine qua non* para compreender a escola que temos e projetar a escola que queremos. A escola que temos precisa ser compreendida como “um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde quase tudo falta” (GADOTTI, 2077, p. 11). Para que possamos realizar a utopia de termos a escola que queremos, cujo projeto é fruto dos sonhos e lutas coletivas, sonhos e

[Digite texto]

lutas que apontam na direção da cidadania, da democracia e da superação das desigualdades sociais. Esta escola, enquanto instituição social, torna-se um veículo de mobilização popular quando é seguida de um nível de organização, passando a dirigir com mais força o tecido social, redefinindo a participação da sociedade nos processos de tomadas de decisão e no estabelecimento de políticas, diretrizes e ações das classes populares (RODRIGUES, 1986).

No entanto, essa escola cujo projeto é fruto dos sonhos e lutas coletivas se tornará uma utopia realizada no momento em que as escolas democratizarem o saber coletivamente elaborado, trabalhando conteúdos que sejam significativos para os alunos, conteúdos esses responsáveis em divulgar o "conhecimento que se faz e que circula no ventre das camadas populares e que precisam de mais espaço dentro dessa sociedade" (PIACENTINI, 1991, p. 205).

Neste sentido, a Educação Física como "componente curricular integrado ao projeto-político da escola" (LDB nº. 9394/96), precisa se inserir na realidade da instituição para o desenvolvimento de uma prática educativa ancorada no diálogo e na participação, considerando os sujeitos como construtores de saberes que devem ser reconhecidos. Pois, como enfatiza Tani (2002), as propostas pedagógicas desenvolvidas ao longo do tempo e que buscaram superar a educação tradicional na área da Educação Física até o presente momento poucas coisas conseguiram alterar nas práticas realizadas. E percebe-se que, quase sempre, os velhos discursos sobrevivem, ocultando os vazios do momento.

Desta forma,

precisamos de uma educação física que, antes de tudo, respeite e considere o aluno em relação ao seu conhecimento, às suas potencialidades, ao seu contexto sócio-cultural, às suas exigências, aos seus desejos e anseios e também à sua saúde (TOLEDO; VELARDI; NISTA-PICCOLO, 2009, p. 23).

Precisamos de um ensino que possibilite a libertação do aluno de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, de uma Educação Física que seja fundamentada numa concepção libertadora de ensino que leve o aluno a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade, processos esses que formam as falsas convicções, interesses e desejos e ajudam a manter as contradições e injustiças sociais (KUNZ, 1994; DARIDO, 2003).

Entendemos que toda ação educativa, incluindo-se também a da Educação Física, sempre parte e conduz a uma visão explícita ou, ao menos, implícita de mundo, de sociedade, de pessoa e de história. Para nós, essa visão coincide com os princípios epistemológicos da Educação Libertadora — por ser uma proposta suficientemente ampla, e inacabada, que vai se

[Digite texto]

desenhando de acordo com as mudanças sociais ocorridas no seio da sociedade contemporânea e sendo gestada na dialética entre a reflexão e a prática, por ser respaldada num quadro teórico em que o pensamento dialético é fundamental; por ser uma proposta pedagógica que ao caminhar nas interfaces das sociedades do século XXI possibilita que educadores e educandos participem da força construtora da dinâmica que aproxima a utopia e a teoria, por um lado, e o conhecimento da realidade por outro; por ser uma proposta cujo posicionamento pedagógico e derivações técnicas se ajustam às circunstâncias da realidade concreta sem perderem a dimensão social e política mais ampla do mundo globalizante (FREIRE, 1967; BRANDÃO, 2001; SAPIO, 2010).

No entanto, temos a clareza de que para que se aposte numa Educação Libertadora na área da Educação Física Escolar, é necessário que a comunidade realize um estudo minucioso do movimento humano, que estabeleça uma busca constante de conhecimento e que ocorra uma coerência entre a reflexão e a ação. Como bem enfatiza Kunz (1989), a Educação Física necessita superar o processo esportivo reprodutor e apoiar-se em uma concepção que insira o movimento humano no mundo vivido do educando, e o problematize de forma contextualizada para se tornar significativo e, dessa forma, libertador.

Faz-se necessário também, que os profissionais de Educação Física percebam que, a escolha por um ensino libertador é também a opção pela busca incessante de uma nova sociedade, de uma nova educação que poderá ser alcançada por meio da realização de ações concretas, imperfeitas e parciais.

A partir dessas premissas, a intenção deste estudo é dialogar sobre este horizonte (utopia), sobre este caminho (prática imperfeita que já é a presença da Educação Libertadora) como possibilidades de desenvolvimento de uma Educação Física Escolar baseada na perspectiva da Educação Libertadora, em que os processos de ensino/aprendizagem desenvolvidos pelos seus profissionais sejam capazes de negar tanto a repetição do já feito, quanto a aplicação automática do já pensado, e que a relação teoria e prática se supere ao supor reciprocidade, exigindo, a cada momento, um repensar do que se faz e um refazer o que se pensa, em permanente recriar, cuja ação pedagógica reflexiva seja um meio pelo qual a teoria desinstala a prática de suas seguranças e obviedades; e a prática exija o repensar da teoria em situações mudadas, tornando o ensino da Educação Física Escolar capaz de humanizar os sujeitos por meio do processo educativo.

São estas as reflexões que apresentamos neste texto, com o objetivo de compartilhá-las e vê-las questionadas ou enriquecidas.

[Digite texto]

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EDUCAÇÃO LIBERTADORA: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS

Partindo do objetivo proposto e considerando que o presente texto se apresenta como uma reflexão filosófica, cuja intenção é se apropriar dos pressupostos filosóficos da Educação Libertadora para que possam ser articulados na práxis pedagógica de professores de Educação Física, tomamos como referência os ensinamentos de Paulo Freire, que compreende a escola não apenas como um espaço de produção de conhecimento, mas também de transformação social. E propõe que os educadores acreditem nas utopias, na transformação, numa sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, é preciso ter dentro de si a esperança, a ousadia, a coragem de enfrentar as adversidades do dia a dia; é preciso, igualmente, acreditar na integridade, na beleza, e no poder de transformação do ser humano, principalmente daqueles a quem a vida fecha as portas — os “esfarrapados do mundo” e os “destemidos” da vida (FREIRE, 2000).

Na perspectiva freireana as relações sociais de forma ampla estão diretamente atreladas a uma dimensão pedagógica, na qual os sujeitos em comunhão ensinam e aprendem ao mesmo tempo, mediados por uma relação dialógica. Assim, a educação passa a ser compreendida como liberdade, no limiar do horizonte da emancipação humana, onde oprimidos e opressores necessitam ser libertados. No entanto, clarifica Freire (2000) que a libertação só será possível mediante uma nova concepção de educação.

Desta forma, apresenta a Educação Libertadora como um caminho que não possui uma via única, mas diversas trilhas que deverão ser constantemente refeitas e, como uma utopia necessária e possível de realização — que caminha na contramão do autoritarismo e da dominação do pensar, ao propor aos educadores e educadoras o abandono da Educação Bancária.— que transforma os indivíduos em “tonéis”, a serem “preenchidos” pelos que se julgam detentores do conhecimento e unicamente capazes de educar, presos ao falso discurso de libertação, que na realidade apenas esmaga o processo libertador e massifica o indivíduo ajustando-o ao sistema dominante, destruindo o sujeito nele eminente (FREIRE, 1997).

Acreditava Freire que essa educação defende os interesses do opressor, que trata os homens como seres vazios, desfigurados, dependentes e não busca desenvolver um processo educativo por meio da conscientização, da desalienação e da problematização (FREIRE, 1967).

Para Freire (1985), uma educação popular e verdadeiramente libertadora se constrói a partir de uma educação problematizadora, baseada em perguntas provocadoras de novas respostas, no diálogo crítico e emancipatório, por consequência libertador, e na tomada de consciência de sua presença no mundo.

Portanto, o cerne da Educação Libertadora, é que os indivíduos se “sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (FREIRE, 1985, p. 141).

Assim sendo, buscamos em Freire uma sustentação, na tentativa de vislumbrar o desenvolvimento de uma Educação Física Escolar com rumos diferentes do que tem sido trilhado por ela, na maioria das vezes, enquanto prática pedagógica.

E colocamos aos seus profissionais o desafio de procurar no âmbito educativo caminhos democráticos, participativos, que possam abrir a possibilidade de construir uma Educação Física Escolar da comunhão social, solidária, e não competitiva e violenta, na qual o processo de ensino/aprendizagem não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas motoras, mas que seja capaz de desenvolver nos sujeitos a capacidade de refletir sobre suas potencialidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada.

Uma Educação Física em que se acredite que não basta selecionar temas e conteúdos e manter uma interligação entre eles, mas na qual se perceba que é preciso atribuir um sentido, um objetivo e articular as necessidades dos educandos, promovendo dessa forma o crescimento pessoal com a reflexão sobre o que é ensinado, por meio de uma ação pedagógica que respeita os valores, as tradições e o indivíduo com sua complexidade e individualidade. Por isso, a Educação Física Escolar com base nos pressupostos da Educação Libertadora vai além do ato de ensinar — incorpora o ato de educar, que busca mecanismos de integrar os sujeitos no processo educativo. Como nos lembra Freire (1997, p. 50), "o homem integrado é o homem Sujeito".

Estamos cientes de que o desafio que aqui colocamos exige a superação da dependência histórica da Educação Física Escolar às tendências, aos valores, aos códigos e às orientações conceituais e metodológicas que têm sido forjadas a partir de qualquer instituição externa à escola (BRACHT, 1991), uma vez que esta dependência tem levado a Educação Física a direcionar suas ações pedagógicas para a formação mecânica do indivíduo, impossibilitando sua formação psicológica como um ser crítico, que seja capaz de compreender tanto os temas pré-estabelecidos, como os que emergem em seu cotidiano.

[Digite texto]

Esse desafio implica na estruturação de metodologias coerentes com a educação libertadora. Ou seja, essencialmente dialógicas e, por extensão, conscientizadoras, que proporcionem aos sujeitos do processo educativo a apreensão do objeto cognoscível, e a tomada de consciência dos indivíduos em torno do mesmo (CORREIA; MIRANDA; VELARDI, 2011, p. 6).

É possível sustentar que o desafio que aqui colocamos aos educadores e educadoras da área da Educação Física é um desafio atual, na medida em que estudos científicos desenvolvidos na área como os de Bracht (1991); Betti (1992); Rezende (1994) e Tani (2002) têm apontado que até hoje as proposições pedagógicas ainda não deram conta da legitimização da Educação Física no âmbito escolar. Essas proposições têm se dado por mecanismos de imposição cultural através da aplicação de modelos estrangeiros, ou de alternativas oriundas de instituições externas à natureza da escola (ou seja, a instituição médica, com a biologização e higienização da Educação Física; a instituição militar, com a militarização da Educação Física; e as instituições desportivas, com a desportivização da Educação Física).

Neste sentido, repensar o ensino da Educação Física exige, em primeiro lugar, situá-lo no contexto cotidiano da escola. Logo, não se pode considerar o desenvolvimento da prática educativa deslocada do mundo da produção cultural da sociedade. Ou seja, do mundo vivido pelo educando, já que a escola e os agentes educativos não estão blindados à concretude da realidade em que estão inseridos, pelo contrário, respiram e medeiam situações vinculadas a seu contexto, o que exige seus posicionamentos, quer no âmbito formal da aula, quer fora dela (WITTIZORECKI; MOLINA NETO; BOSSLE, 2012). Da mesma forma, o desenvolvimento da prática educativa não poderá ser orientado para a formação de poucos craques, ou priorizar apenas uma dimensão do indivíduo. “Entendemos que o desenvolvimento humano precisa atender todas as dimensões do indivíduo — física, motora, cognitiva, social e afetiva, ao invés de pensar na criação de espaços e condição de explorar uma ou outra” (MOREIRA; PEREIRA; LOPES, 2009, p. 117), já que essa forma dicotomizada e elitista de educação não contribui para que os agentes do processo educativo reflitam sobre o próprio ato de conhecimento, não os coloca diante de ações e situações que possam fornecer subsídios à prática educativa, tão pouco favorece o desenvolvimento biopsicosocial do educando.

Vale lembrar, nesse sentido, que falta a muitos educadores e educadoras a consciência de que a construção da realidade desejada,— na imperfeição do fazer diário e na transformação da realidade existente, é mais segura do que a repetição de ações sem direção e sem significado para o aluno. Por isso quase sempre não se dão conta da importância [Digite texto]

simultânea de um fazer diário, mesmo que imperfeito, numa direção e de um ideal que caracteriza esta mesma direção, e se esquecem de que o papel do educador é fazer com que o aluno aprenda a ler e escrever a realidade, para que seja capaz de perceber, compreender e mudar a realidade, ao invés de simplesmente aprender mecanicamente as técnicas ou destrezas motoras (KUNZ, 1994).

Ao nos apropriarmos dos escritos de Kunz (1994) e compartilharmos seus ensinamentos, estamos proclamando, também, a convicção de que esta é a tarefa do educador socialmente consciente e de que as transformações pequenas e sucessivamente encadeadas já se mostram eficazes e são necessárias como estímulo e como suporte para as transformações que atinjam aspectos globais.

Kunz (1994) defende um ensino crítico e emancipatório em que as experiências manipulativas funcionam como elemento *sine qua non* para uma aprendizagem bem sucedida em atividades de movimento e jogos, proposta que coloca os alunos como agentes do processo de aprendizagem ao indicar que a partir das experiências manipulativas vividas devem manifestar através do uso da linguagem, ou representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam, e em uma ação comunicativa devem aprender a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de significarem o aprendido.

Desse modo, numa perspectiva de educação libertadora os educadores precisam ser inventores e reinventores de todos os meios que possibilitem a problematização do objeto, ou da realidade a ser descoberta e apreendida pelos sujeitos do processo educativo, reconhecendo-os como sujeitos do conhecimento. Necessitam criar e recriar continuamente a educação, por meio do diálogo, uma vez que o tempo da educação não é o definitivo, mas o provisório das mudanças, da transformação, do ainda não e do imperfeito, da heterogeneidade das formas e do pluralismo cultural, legitimando assim a ação educativa numa práxis libertadora (CORREIA; MIRANDA; VELARDI, 2011).

Nessa concepção, pode-se considerar que uma proposta de Educação Física Escolar baseada nos pressupostos da Educação Libertadora necessita superar a prática do movimento pelo movimento, do jogo pelo jogo, e apoiar-se numa concepção em que as necessidades humanas, bem como o mundo vivido pelos educandos, sejam problematizados. As necessidades humanas florescerão do mundo da vida, que é formado no contexto das ações e situações e que fornecerá subsídio de investigação dos temas a serem trabalhados no decorrer do processo educativo (CORREIA; MIRANDA; VELARDI, 2011).

[Digite texto]

Assim, reconhecemos que o professor de Educação Física na perspectiva da Educação Libertadora não deve restringir a prática pedagógica à transmissão de gestos padronizados no seu sentido técnico. Mas, “resgatar o sujeito na relação dialógica com o mundo, pelo Se-Movimentar. Trata-se de desenvolver ações conjuntas de professores e alunos, com vistas à transformação do mundo vivido e respectivo mundo do movimento, para nele serem realmente reconhecidos como sujeitos” (KUNZ, 2004, p.149).

Freire clarifica que:

toda prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substantivamente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança (FREIRE, 2000, p. 23).

Nesse contexto, o ensino da Educação Física ao abordar os diversos conhecimentos sobre jogos, esporte, ginástica, luta e demais atividades corporais que os educandos já vivenciaram ou deverão vivenciar, ao se pautar numa perspectiva libertária de educação deve situar tais conhecimentos no contexto sociocultural no qual o aluno encontra-se inserido. Pois, “na perspectiva da educação para transformação social, da educação pela conscientização, a questão do desafio vivido pelo aluno seja em aula, seja na vida cotidiana tem fundamental relevância” (TOLEDO; VELARDI; NISTA-PICCOLO, 2009, p. 24).

Assim Freire, ao descrever os pressupostos filosóficos da Educação Libertadora, adverte que:

a liberdade que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre; pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. [...] É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (1985, p.35).

Desta forma, a educação para a liberdade possibilita a libertação do jovem das condições que limitam o uso da crítica e com isso todo o seu agir social, cultural e esportivo. É um processo ainda que inconcluso que leva a uma condição de “existência sem liberdade”, para outra, em que os agentes estão livres de falsa consciência e da coerção auto-imposta, podendo construir assim sua cidadania emancipada (KUNZ, 1994).

[Digite texto]

No entanto, lembra-nos Freire (1985, p. 29) que a "libertação" através da educação só é válida se for um esforço coletivo, pois no seu entender "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão".

Assim, uma questão bastante importante, fundante desta filosofia educacional, é que a opção de educar para a liberdade torna-se um projeto político-social alternativo para o ensino da Educação Física Escolar, uma vez que esta área do conhecimento historicamente esteve vinculada ao autoritarismo e à dominação do ensino, o que faz com que os professores de Educação Física, na maioria das vezes, fiquem perplexos frente a algumas mudanças sociais e culturais que têm produzido um distanciamento entre o que a área tradicionalmente construiu como sua tarefa primordial na escola — articular o processo de ensino-aprendizagem às manifestações da cultura corporal do movimento humano e demandas de outras ordens, como a gestão de conflitos e o atendimento de tarefas advindas de inovações curriculares (WITTIZORECKI; MOLINA NETO, 2005).

Parece-nos, no entanto, que há razões suficientes para que os profissionais da Educação Física procurem aproximar o ensino da Educação Física aos pressupostos filosóficos da Educação Libertadora, justamente por não ser uma simples tendência pedagógica, uma metodologia de ensino, muito menos um simples modismo educacional. Mas, sim, por contemplar uma proposta global de homem e sociedade, que implica na escolha de determinados tipos de conteúdos, processos, métodos, estruturas e relações que apontam para a construção de uma escola participativa e determinante na formação do sujeito consciente e atuante na sociedade.

Sendo assim, a Educação Libertadora concebe os atores sociais como sujeitos de suas histórias — livres — capazes de assumir um projeto de libertação, de transformação social. Sujeitos esses comprometidos com a justiça e com a dignidade como direito de todos. Conscientes de sua situação histórica e, por isso, agem e interagem socialmente de forma crítica. São capazes de amar e serem amados, de serem solidários e fraternos porque reconhecem o outro como seu semelhante e igual em direitos, deveres e oportunidades (FREIRE, 2001).

Portanto, o desenvolvimento de uma Educação Física Escolar na perspectiva da Educação Libertadora deve pautar-se no desenvolvimento das potencialidades do educando, na diversidade dos conteúdos em detrimento da eleição de uma única modalidade, na provocação da curiosidade e construção coletiva do conhecimento, em que o aluno é levado a refletir sobre os objetivos das atividades corporais propostas, além de buscar estabelecer um [Digite texto]

elo entre a vida cotidiana e a prática da Educação Física desenvolvida na quadra de aula, para que através do diálogo crítico a respeito das atividades corporais e do mundo vivido os educandos sejam desafiados a assumirem-se enquanto seres epistemologicamente curiosos diante dos fenômenos que compõem a realidade circundante.

CONSIDERAÇÕES (FINAIS)

A conclusão de um estudo na perspectiva da Educação Libertadora é sempre provisória, uma vez que as reflexões sobre o ato mesmo de ensinar e aprender quase sempre nos leva a inúmeros caminhos. O que podemos apontar diante dos pressupostos freireanos aqui apresentados, é que agora está na hora de vislumbrarmos entre as nossas certezas e incertezas um compromisso libertador fundamentado numa visão utópica, entendida como hipótese histórica fundada, que não está segura da possibilidade de realizar o que procura, mas que está segura sim, de que este horizonte, este sonho, esta perspectiva é uma fonte de inspiração, constantemente renovada para buscar novos caminhos, para inventar formas de educar que estimulem a imaginação criadora e a sensibilidade histórica. É chegada a hora dos profissionais de Educação Física descobrirem caminhos democráticos e participativos para desenvolvimento de práticas educativas verdadeiramente comprometidas com a emancipação social, práticas utopicamente possíveis de realização e necessárias. Práticas estas que, pela dinâmica da vida social e escolar se apresentam como ações concretas e inacabadas, portanto imperfeitas e parciais. Pois concordamos com Forquin (1993, p.9) quando afirma com veemência “que nenhum educador pode ensinar, verdadeiramente, se não ensinar alguma coisa que seja verdadeira ou válida aos seus próprios olhos”.

REFERÊNCIAS

BETTI, I.C.R. **O prazer em aulas de Educação Física Escolar: a perspectiva discente.** 1992. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Educação Física Escolar. Faculdade de Educação Física – UNICAMP, Campinas, 1992.

BRANDÃO, C. R. **Pensar a prática: escritos de viagem e estudos sobre educação.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

[Digite texto]

BRACHT, V. Educação Física: a busca da legitimação pedagógica. In: **Congresso Mundial da AIESEP**. Rio de Janeiro, UGF/AIESEP, 1991.

CORREIA, M. S; MIRANDA, M. L. J; VELARDI, M. A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica-problematizadora. **Movimento**. Porto Alegre, v. 17, n. 04, p. 281-297, out/dez de 2011.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2003.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GADOTTI, M. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Política e Educação: ensaios**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 23).

KUNZ, E. O esporte enquanto fator determinante da educação física. In: **Contextos e Educação**. Ijuí: UNIJUÍ ed. 15(63-73), 1989.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.

_____. **Educação física: ensino e mudanças**. 3ªed. 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

MOREIRA, E. C; PEREIRA, R. S; LOPES, T. C. Considerações, reflexões e proposições para a educação física na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. In: MOREIRA, E. C; NISTA-PICCOLO, V. N. (Orgs.). **O quê e como ensinar educação física na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. p. 109-149.

PIACENTINI, T. A. **O morro da caixa d'água: o significado político-pedagógico dos movimentos de educação popular na periferia de Florianópolis - Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

REZENDE, H. G. Reflexões sobre algumas contradições da Educação Física no âmbito da Escola Pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal. **Movimento**. Porto Alegre, ano I, Nº 1, p. 20-28, Set/94.

[Digite texto]

RODRIGUES, N. **Lições do príncipe e outras lições**. São Paulo: Autores Associados, 1986.

SAPIO, G. **A educação no Brasil e o principio da dignidade da pessoa humana**. São Paulo: Icone editora, 2010.

TANI, G. Esporte, educação e qualidade de vida. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Orgs.). **Esporte como fator de qualidade**. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002. Cap.3, p. 103-116.

TOLEDO, E; VELARDI, M; NISTA-PICCOLO, V. L. O quê ensinar nas aulas de educação física?. In: MOREIRA, E. C; NISTA-PICCOLO, V. N. (Orgs.). **O quê e como ensinar educação física na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. p. 21-25.

WITTIZORECKI, E. S.; MOLINA NETO, V. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 47- 70, jan./abr. 2005.

WITTIZORECKI, E. S; MOLINA NETO, V; BOSSLE, F. Mudanças sociais e o trabalho docente de professores de Educação Física na escola: estudo a partir de histórias de vida. **Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 149-169, jan/mar de 2012.